

\* 1 JUL 1981

Economia - Brasil

# Senna defende a eliminação da defasagem cambial no País

GAZETA MERCANTIL

"Não estamos desvalorizando o cruzeiro em nível suficiente em relação ao dólar. Por outro lado, a forte valorização da moeda norte-americana no confronto com as demais moedas contribui para agravar a situação, prejudicando o poder de competição em outros mercados, especialmente nos países da Europa e no Japão."

Esta é, em síntese, a opinião de José Júlio Senna, professor da Fundação Getúlio Vargas, no boletim de junho do Escritório Levy. Segundo o economista, o controle monetário posto em prática pelo governo precisa ser complementado por medidas para eliminar a defasagem cambial, sob pena de se prejudicar o desempenho das exportações. O restabelecimento dos subsídios às exportações de manufaturados, na verdade, teria sido um passo nesse sentido. Mas, como afirma Senna, o nível elevado da defasagem cambial e a previsão de redução gradual do subsídio até a completa eliminação em 1983 "geram alguma incerteza quanto ao comportamento futuro das políticas cambial e comercial".

A melhor solução para o problema, acrescenta Júlio Senna, seria a aceleração das minidesvalorizações cambiais, em combinação com os subsídios às vendas externas. A política de des-

valorizar o cruzeiro com base na variação do Índice Nacional de Preços ao Consumidor preocupa o economista: "Caso o governo procure manter esse tipo de paridade, os problemas, no tocante ao comércio exterior, se agravarão". Sua sugestão é de que a desvalorização cambial acompanhe a inflação interna medida pelo Índice de Preços por Atacado (IPA), da Fundação Getúlio Vargas. Esse indicador seria sugerido por se aproximar mais do comportamento de custo de produção das empresas.

## SOLUÇÕES FALHAS

Em sua análise, José Júlio Senna repele soluções como as do câmbio duplo, dólar-referência, dólar-exportação ou maxidesvalorização cambial. O câmbio duplo, afirma, que envolve a criação de taxas especiais para operações comerciais e financeiras, suscitaria pressões externas, porque a prática é condenada pela comunidade internacional (Fundo Monetário). Além disso, daria margem a distorções e fraudes. Exemplo típico seria o comportamento de importadores que poderiam inventar financiamentos externos com "certos" de preços por fora.

O dólar-referência consistiria na criação de um dólar (de referência) para o pagamento da dívida externa já contratada, ao mesmo

tempo que se promoveria forte desvalorização na taxa oficial. A partir da introdução do sistema, tanto a nova taxa de câmbio oficial como a antiga sofreriam minidesvalorizações normais. A principal dificuldade do sistema, segundo o economista, seria representada pelo grande volume de subsídio que demandaria. Além disso, a taxa de câmbio mais baixa acabaria tendo de ser ajustada para cima e, quando os agentes econômicos percebessem essa possibilidade, estaria prejudicada a captação externa de recursos financeiros.

## DEFASAGEM

Descartadas essas soluções, Júlio Senna fixa-se na necessidade de acelerar as minidesvalorizações. Embora isso já tenha ocorrido a partir do início de 1981, afirma, o valor médio do cruzeiro no primeiro trimestre do ano, considerada a variação do IPA, estava ainda cerca de 3% aquém do valor médio observado no último trimestre de 1980. "A partir de meados do ano passado, entretanto, o dólar vem revelando significativo fortalecimento nos mercados internacionais, o que torna relevante o cálculo do comportamento do cruzeiro em face das moedas de outros países, especialmente as de nossos mais importantes parceiros comerciais."